

O anel da verdade



Mary ainda não sabia o que acontecera a seu marido, um militar da Força Aérea desaparecido há mais de 40 anos. Esta história precisava de um final.



HENRY HURT

BALAS RELUZENTES atravessaram o céu azul com um rastro de fumaça, e atingiram a asa esquerda do *Sunbonnet King*, um Superfortress B-29 americano. Momentos depois, um segundo caça soviético acertou uma rajada no leme do avião, despedaçando-o. Em chamas, a aeronave guinou para a esquerda e começou a cair girando.

A bordo de um navio-patrulha, cerca de 6 mil metros abaixo do local em que o avião fora atingido, Vasily Saiko, sargento da Guarda Costeira Marítima soviética, então com 24 anos, assistia ao mórbido balé da aeronave. Segundos depois, o *Sunbonnet King*

explodia em águas soviéticas, perto de Yuri, pequena ilha japonesa.

Isto aconteceu em 7 de outubro de 1952 e o mundo estava voltado para a Guerra da Coreia. Os oito militares americanos a bordo do avião de reconhecimento faziam um mapeamento com fotos a alguns quilômetros de distância de uma das zonas mais disputadas da Guerra Fria – as ilhas Kuril, localizadas entre o Japão e a União Soviética.

Saiko e mais dois marinheiros soviéticos foram encarregados de pegar um pequeno barco e recolher os destroços. O mar estava agitado e de onde se achavam só podiam ver gasolina e

óleo na superfície da água e um pneu flutuando sem destino no meio dos fragmentos. De repente, avistaram um pára-quadras parcialmente submerso. Preso às linhas, havia um homem boiando de bruços, com o rosto virado para as águas escuras.

“Ele pode estar vivo!”, gritou Saiko. Os três marinheiros colocaram o americano no barco e viram um quadro deplorável: as partes frontal e superior da cabeça do homem haviam sido cortadas, não deixando vestígios do rosto. Perturbados com a cena, desviaram o olhar. Com postura solene, retornaram ao navio-patrolha, onde o corpo do americano foi envolto por uma lona impermeável e abrigado.

No dia seguinte, Saiko levou o corpo para a ilha Yuri e esperou até que o pegassem para que fosse examinado e enterrado. Sozinho com o corpo, teve curiosidade a respeito do americano. *Ele era filho de alguém – talvez marido ou até mesmo pai. Esse homem tem pessoas que o amam*, pensou Saiko.

Obedecendo a um impulso, puxou a lona. Na mão direita do americano, viu o anel mais excepcional de toda sua vida. Grande e pesado, parecia ser de ouro maciço.

Tirando o anel do dedo do homem, Saiko analisou rapidamente a gravação feita na parte interna do anel. Um nome, supôs, mas o alfabeto romano lhe era desconhecido. Então, colocou-o no bolso.

Eu poderia ir para a prisão por causa disto, pensou ele. *Um oficial soviético ou agente da KGB com certeza se apossaria deste tesouro. Se fosse necessário, Saiko jogaria o anel no mar.*

Logo, o responsável pelo sepultamento chegou para levar o corpo. Saiko ficou olhando enquanto os homens colocavam o corpo do americano em uma lixeira. Já em seu barco, enquanto se afastava da ilha e as pessoas sumiam em meio ao nevoeiro, pôs a mão no bolso e rolou o pesado anel entre os dedos.

COM UM VESTIDO de organdi branco e os cabelos louros de um brilho intenso, Mary observava enquanto seu noivo, John Dunham, retirava de uma pequena caixa seu anel de juramento. Era 28 de maio de 1949 e a cerimônia, a Dança do Anel de Aspirantes da Marinha na Academia Naval dos Estados Unidos em Annapolis, Maryland. Sorridente, trespassou uma fita azul pelo anel, fazendo dele um pingente, e amarrou-a no pescoço de Mary. Ela deveria usá-la até um momento especial durante a dança, quando desamarraria a fita e colocaria o anel na mão direita de John – onde teria de permanecer para o resto de sua vida. Esta era uma das tradições das quais a Academia Naval mais se orgulhava.

Mary e John se conheceram aos 17 anos de idade. Ela se apaixonou por esse homem alto de olhos castanhos muito doces e conhecido por todos como “Piu”. Deram-lhe esse apelido quando ainda era criança, pois não conseguia pronunciar “piuí-piuí” quando brincava de imitar o som de uma locomotiva.

Em junho de 1950, no dia em que se formou, John casou com Mary na capela da Academia Naval. Naquela

época, antes de a Academia da Força Aérea estar totalmente estabelecida, todos os anos um quarto dos formandos de Annapolis podia optar por entrar para a Força Aérea. John alistou-se como voluntário e começou a treinar como navegador para reconhecimento aéreo.

Despediram-se em maio de 1952, quando ele estava para ser enviado ao Japão com sua unidade de reconhecimento aéreo. O filho deles nasceria três meses depois. Sorrindo e acariciando a barriga de Mary, prometeu que veria *ambos* no dia de Ação de Graças.

Em um telefonema da Cruz Vermelha, tendo seu bebê apenas uma semana de vida, Mary e John se emocionaram ao falar sobre o nascimento de Suzanne. Ela era a prova viva do amor e dos sonhos do casal de levar uma vida longa e feliz juntos. Apesar de se corresponderem todos os dias, esse raro telefonema foi a única vez em que conversaram depois do nascimento de Suzanne.

Nunca mais se falaram.

VASILY SAIKO saiu da Marinha soviética no fim de 1952. Depois de se casar, mudou-se para Rostov-on-Don e começou a trabalhar como timoneiro de um barco de carga.

O anel estava em lugar seguro – escondido em uma pequena caixa junto à medalha que obteve por bravura. Saiko olhava para o anel com frequência e pensava no homem que retirara do mar.

MARY DUNHAM acabara de acomodar

na cama Suzanne, então com um mês e meio, quando bateram à porta. As duas passavam algumas semanas com a viúva Anna Dunham, mãe de John, em sua cidade natal, Easton, Maryland, enquanto John viajava a serviço.

Ao abrir a porta, Mary encarou os dois oficiais da Força Aérea com certa incredulidade. Um deles entregou-lhe um telegrama que dizia: “É com profundo pesar que vimos por meio deste telegrama informar-lhe oficialmente que seu marido, o primeiro tenente John R. Dunham, desapareceu em vôo. Uma extensa busca está sendo feita no momento.”

Nos meses seguintes, chegou uma quantidade enorme de telegramas e cartas. Finalmente, Mary soube que o governo soviético admitira ter atirado no avião de Dunham, mas afirmara desconhecer o paradeiro da tripulação.

Um ano depois, a Força Aérea reiterou sua posição, assegurando que John continuava desaparecido, mas a carta continha uma frase assustadora que permaneceria na mente de Mary por décadas: “O acidente ocorreu aparentemente em um local onde os sobreviventes podem ter sido resgatados por estrangeiros e removidos da área.”

Para Mary, isto era pior do que saber que seu marido estava morto. *Estaria em uma prisão soviética? Sendo torturado?*, perguntava-se.

Três anos após a tragédia, em 1955, Mary recebeu uma notificação de que John fora promovido ao posto de capitão. Passado um mês, foi informada de que o capitão Dunham “não tinha mais chances de ser encontrado vivo”.

Embora dolorosas, tais palavras amenizaram-lhe o terrível sofrimento. Ela tentou não falar sobre sua angústia e guardou-a no coração. Os amigos imploraram que continuasse sua vida. Não importava o quanto tentasse, Mary sentia a presença de John a todo momento.

Sua principal preocupação era Suzanne – uma menina que crescia sem nunca ter visto o pai. Mary precisava dar-lhe amor e carinho suficientes para preencher o vazio que estaria sempre com a menina.

EM UMA NOITE de 1987, Vasily Saiko decidiu narrar a experiência que tivera há 35 anos a um novo amigo, coisa que raramente fazia. Confidenciou ao homem para o qual estava transportando uma carga de madeira seu desejo sincero de devolver o anel à família do americano e que, durante todos esses anos, resistira à tentação de vendê-lo.

Saiko foi até o cofre do barco e pegou o anel. Ao segurar o pesado anel de ouro, o amigo ficou perplexo. Imediatamente sugeriu trocar seu Volga branco – um carro que Vasily tinha visto e admirava – pelo anel.

Não havia nada no mundo que Saiko desejasse mais que um automóvel. A vida de timoneiro não permitia tais luxos. “Tenho que conversar com minha esposa”, disse ele.

Durante toda a viagem, os pensamentos de Vasily voltaram-se para o anel. *O americano certamente tinha uma família que ainda não sabia o que acontecera com ele. Mas, o que poderia fazer? Se entregasse o anel a um oficial*

soviético, certamente iria para o bolso desse oficial. E de que isso adiantaria?

Chegando em casa, Vasily contou à sua esposa, Lyuba, a excelente oferta que recebera. Sua reação foi imediata. “O anel pertence à família do homem”, afirmou. “Um dia, você terá oportunidade de devolvê-lo.”

AOS 10 ANOS de idade, Suzanne Dunham era uma criança feliz. Seus cabelos louros, olhos azuis e dedos finos faziam com que Mary se lembrasse de John. Ela queria que Suzanne conhecesse o pai, mas era muito difícil conversar com uma criança sobre um homem que foi embora e nunca mais voltou.

Um dia, finalmente, encontrou um jeito de falar com a filha sobre o pai. Deu à menina pequenos presentes e um bracelete de ouro enfeitado com medalhas. Dentre esses presentes, havia um broche da associação dos estudantes da qual John participava. Esse broche era um símbolo do alojamento em que ela e John se viram pela primeira vez enquanto ele ainda estudava na Johns Hopkins University, antes de entrar para a Marinha. Havia também uma cópia com letras douradas da certidão de nascimento de Suzanne e, o mais doloroso de todos, o anel de casamento de Mary e John.

“Esta é a minha vida e a de seu pai”, disse Mary. Suzanne segurou o bracelete maravilhada. Adorava ver o álbum de casamento de seus pais e passava muito tempo admirando as fotografias do homem sorridente ao lado de sua mãe. Agora tinha algo mais para ajudá-la a criar lembranças.

Treze anos após o desaparecimento de John, Mary Dunham, então com 39 anos, casou-se com Donald Nichols, um veterano da Segunda Guerra Mundial. Alguns anos depois, Suzanne formou-se pela Wellesley College, casou-se com um rapaz que conhecera em Harvard e começou a estudar Direito. Aí, concentrou atenções no desejo presente em toda a sua vida: saber mais sobre o pai. Aos poucos, concluiu que era possível para ela e sua mãe buscar a verdade e tentar mudar o status “desaparecido” – evitando os aspectos emocionais de tal busca.

Convencidas de que o governo soviético sabia o que acontecera com a tripulação do *Sunbonnet King*, Mary e Suzanne uniram-se à MIA, uma associação que visa descobrir segredos militares e políticos. Todos juntos tentariam obter novas informações sobre seus entes queridos. “Sei”, disse Mary a um repórter, “que em algum lugar na União Soviética, alguém sabe o que aconteceu com meu marido. Alguém sabe a verdade.”

Os membros da família Dunham ficaram gratos quando, em 1992, os russos, em um rompante de abertura, afirmaram que nenhum membro da tripulação sobrevivera ao ataque. Mary, no entanto, precisava de algo além de uma simples declaração de um governo que mentira sobre o assunto desde o primeiro dia. Precisava de uma prova mais concreta.

EM UMA NOITE no final de 1993, os Saiko estavam assistindo à televisão. Mudanças surpreendentes estavam ocorrendo em seu mundo

– inclusive a queda do comunismo e a desintegração da União Soviética. De repente, ficaram petrificados ao ouvir um repórter de TV informar que uma Comissão especializada em investigações sobre prisioneiros de guerra estava solicitando a presença de russos que pudessem fornecer informações.

No dia seguinte, Lyuba telefonou para o número fornecido na TV. “Vasily!”, gritou. “É chegada a hora. Você deve pegar o anel e ir a Moscou.” Explicou que em sua conversa com os russos da Comissão afirmara que seu marido tinha informações sobre um dos tripulantes de um avião abatido próximo às Ilhas Kuril, em 1952, mas não dissera nada sobre o anel.

O oficial ofereceu-se para ir até sua casa para conversarem, mas Lyuba hesitou – disse que seu marido iria até eles. Ela e Vasily temiam algum tipo de esquema – talvez a tão falada comissão na verdade não existisse. “Não darei o anel a um oficial russo”, disse Vasily à sua mulher.

Alguns dias depois, Saiko desceu do trem em Moscou. Várias vezes, flagrou-se enfiando a mão no bolso da frente da calça para verificar rapidamente a presença do anel que Lyuba havia costurado em um bolso secreto.

Durante a viagem de um dia, Saiko refletiu como havia chegado a este ponto. Descendente de camponeses, foi abençoado com uma família forte e amorosa. Sua avó influenciou positivamente sua vida ao ter longas conversas com ele sobre as Escrituras e a importância da fé em Deus. A vida inteira Vasily tentou tratar os outros da maneira como foi ensinado pela família.

Quando finalmente chegou à sede da comissão, os membros russos ficaram muito impressionados com seu relatório sobre o que vira em 7 de outubro de 1952. Uma hora mais tarde, foi levado à comissão, onde russos e americanos se sentavam uns de frente para os outros em uma mesa bem comprida. Jamais Vasily Saiko pensara em ficar perante audiência tão ilustre. Enquanto contava como resgatou do oceano o corpo do americano há 41 anos, Saiko tateou o bolso em busca do anel. Precisou puxar com força para desmanchar os pontos que o prendiam.

“Isto”, disse segurando o anel, “estava no dedo do americano que tirei da água. Seu nome está gravado nele.” Um murmúrio de espanto varreu a sala. Saiko deu o anel ao americano que presidia o encontro. Ele examinou o anel e disse: “É o anel de juramento da Academia Naval. O nome gravado é John Robertson Dunham.”

Saiko pôde sentir a admiração e o respeito que despertou em todos aqueles que estavam sentados à mesa. Este era o momento do qual mais se orgulharia em toda a sua vida.

ÀS 6 DA MANHÃ de 7 de dezembro de 1993, o telefone tocou na casa de Mary Dunham Nichols, nos arredores de Baltimore. Kaye Whitley, um oficial do Pentágono, telefonava da Embaixada dos Estados Unidos em Moscou.

“Mary”, disse ele, “tenho novidades para você. Estamos com o anel de juramento de seu marido. Acaba de ser devolvido por um marinheiro soviético que resgatou seu corpo em 1952. Ele guardou o anel e nos entregou para que o devolvêssemos a você.”

Mary ficou tão atordoada que não emitiu sequer um som. Alguns minutos mais tarde, telefonou para Suzanne em Michigan e lhe contou a novidade.

– Lá se vão 41 anos – disse serenamente. – O que isso significa?

– Acabou, mãe – respondeu Suzanne. – Significa que finalmente acabou.

Algumas semanas depois, em breve cerimônia no Pentágono, Mary, agora com 67 anos, foi presenteada com o anel de John. Foi o momento de felicidade mais doloroso e controverso que sentira na vida.

Mary disse a Suzanne: “Pense bem, todos esses anos perseguimos a verdade e todo o sistema soviético nos negou o direito a ela. Agora, um único ato, resultante da honra e decência de um só homem, sobrepuja tudo aquilo pelo qual passamos.”

Mary e Suzanne agora tinham dois desejos – localizar os restos mortais de John Dunham e encontrar uma forma de agradecer à família Saiko.

AMIGOS E FAMILIARES lotaram a Igreja Episcopal de Cristo, onde John Dunham fora batizado. Naquele dia quente de julho, as pessoas que mais o amaram finalmente puderam dizer-lhe adeus. Mary estava ansiosa em rever os velhos amigos, mas havia alguns novos – muito especiais – que a aguardavam na sacristia da igreja.

Com um sorriso largo, Vasily Saiko foi ao encontro de Mary quando ela entrou. Abraçaram-se com tamanha emoção que palavras não foram necessárias. Era o primeiro dia da visita de Vasily e Lyuba aos Estados Unidos.

Fora organizada para eles uma estada de uma semana.

Mary falou àqueles que se encontravam na sala: “Em todos esses anos, senti-me tão sozinha, tão isolada, tão certa de que ninguém se importava. Mas, durante esse tempo, estas duas pessoas – do outro lado do mundo – importavam-se tanto que guardaram este precioso símbolo de meu marido.”

No santuário, o caixão de John repousava no altar abaixo da mortalha que Mary oferecera à igreja em sua memória quatro décadas antes. Com a ajuda de Vasily Saiko, os restos do capitão Dunham foram localizados e devolvidos aos Estados Unidos para o teste de DNA e para o enterro. Quando a cerimônia começou, Suzanne falou sobre o pai.

“Ele desapareceu de nossas vidas há 43 anos. Estar desaparecido é diferente de estar morto. Os mortos voltam para nós quando contamos histórias sobre eles, mas não fazemos o mesmo com os desaparecidos. Seria um tipo de traição. Apesar de sua breve existência, papai afetou nossas vidas, fez amigos e deixou saudades. É por isso tudo que vocês estão aqui esta noite. Ele amou profundamente e foi amado com a mesma intensidade.”

No dia seguinte, no Cemitério Nacional de Arlington, uma carruagem

levou o caixão do capitão Dunham da capela até o local do enterro. Sentados próximos a esse local estavam Mary e seu marido, Don Nichols, bem como Suzanne, seu marido e os dois filhos do casal. Vasily e Lyuba Saiko achavam-se de pé logo atrás deles. Pendurado no pescoço de Mary, brilhando ao sol para que todos o vissem, estava o anel que tornou tudo isso possível.

Antes que o capelão dissesse as últimas palavras, a assembléia ouviu um som ensurdecido de motores. Um avião bombardeiro B-52 cinza escuro dava um rasante sobre eles como se fizesse a última continência ao capitão.

Enquanto as lembranças invadiam a mente de Mary, pensou em todos os jovens pilotos de B-52, provavelmente bem parecidos com seu amado John. Essa homenagem não era destinada a eles – apenas ao capitão Dunham. Para seus colegas de tripulação, não haveria liberdade. Não haveria verdade.

Mary abraçou seus netos enquanto um guarda fúnebre disparava a tradicional salva de tiros em homenagem ao militar morto. O som dos tiros ecoou em uma montanha próxima. Gentilmente, Mary tocou no anel. Agora que o capitão John Dunham descansava em paz, suas histórias e lembranças poderiam ser contadas com muito orgulho.

Viajantes desajeitados

Um hóspede com reserva na nossa pousada teve dificuldades em nos encontrar e, por engano, foi à funerária do outro lado da rua. Com a sacola de viagem sobre o ombro, ele entrou e deu uma olhada à volta.

– É aqui que me registro para entrar? – perguntou a alguém na recepção.

– Não – veio a resposta –, aqui você se registra para sair.